

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE DIREITO**

Rafael Braga Cardoso Alferino

**O CRIME MORAL E A FUNÇÃO DA PENA EM “CRIME E CASTIGO”
DE DOSTOIÉVSKI**

**Juiz de Fora
2019**

Rafael Braga Cardoso Alferino

**O CRIME MORAL E A FUNÇÃO DA PENA EM “CRIME E CASTIGO”
DE DOSTOIÉVSKI**

Artigo apresentado à Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Na área de concentração Direito Penal sob orientação do Prof. Ms. Leandro Oliveira Silva .

**Juiz de Fora
2019**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Rafael Braga Cardoso Alferino

O CRIME MORAL E A FUNÇÃO DA PENA EM “ CRIME E CASTIGO” DE DOSTOIÉVSKI

Artigo apresentada à Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Na área de concentração Direito Penal submetido à Banca Examinadora composta pelos membros:

Orientador: Prof. Ms. Leandro Oliveira Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Luiz Antônio Barroso Rodrigues
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Ms. Felipe Fayer Mansoldo
Universidade Federal de Juiz de Fora

PARECER DA BANCA

() APROVADO

() REPROVADO

Juiz de Fora, 5 de Novembro de 2019

O CRIME MORAL E A FUNÇÃO DA PENA EM CRIME E CASTIGO DE DOSTOIÉVSKI

Rafael Braga Cardoso Alferino

SUMÁRIO: 1. Introdução – 2. Fatores Biográficos – 3. A construção de Ráskolnikov – 4. A Culpa e o Pecado – 5. A Pena e a Expição – 6. Considerações Finais – Referências

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar o conceito de crime e função da pena presente na obra “Crime e Castigo” de Fiódor Dostoiévski, visando identificar a visão do autor acerca do tema. Para isso, será tomada como base principal a narrativa em questão, partindo do estudo da construção do protagonista com o intuito de delinear a ideia de crime moral de Dostoiévski. Do mesmo modo, buscou-se analisar a função da sanção penal presente no livro, a qual se tingia da religiosidade do autor ao assumir um caráter expiatório, um meio de redenção para o criminoso em pecado.

Palavras-chave: Crime Moral – Função da pena – Dostoiévski – Raskólnikov – expiação

Abstract: The objective of this paper is to analyze the concept of crime and the function of the penalty present in the work “Crime and Punishment” by Fiódor Dostoevsky, aiming to identify the author's view on the subject. For this, the narrative in question will be taken as the main basis, starting from the study of the construction of the protagonist in order to delineate Dostoevsky's idea of moral crime. Similarly, we sought to analyze the function of the criminal sanction present in the book, which is tinged with the author's religiosity by assuming an expiatory character, a means of redemption for the criminal in sin.

Keywords: Moral Crime – Penalty – Dostoiévski – Raskólnikov - Expiation

1.Introdução

O presente artigo busca analisar o romance Crime e Castigo de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), publicado em 1866 e considerado uma das maiores obras da literatura russa, tendo

como foco a problemática moral do crime presente na narrativa e a função assumida pelo instituto da pena frente a este. Para isso, a investigação irá partir da explicitação dos relevantes fatores biográficos do autor, os quais teriam levado à gênese da sua visão acerca do tema, abordando também o contexto histórico-científico positivista da publicação da obra em 1886 e seu posicionamento perante a questão.

Para identificar e expor como os conceitos metafísicos do autor se estruturam na obra, o estudo adentrará a célebre narrativa buscando destrinchar a figura do protagonista da obra, Ródion Romanovitch Raskólnikov, o qual encarna uma construção paradoxal de um criminoso de espírito nobre. Este então atormentado pela cisão entre a moralidade e o utilitarismo em sua alma, acaba por ser levado ao cometimento de assassinato, crime este que resultará em desdobramentos que delinearão toda a tese metafísica presente na literatura de Dostoiévski.

Após, a análise passará a explicitar o conceito de crime moral que se vislumbra na construção do autor, assim como a sua aproximação com a ideia de pecado do cristianismo. Deste modo, será possível traçar a real origem da culpa sentida pelo protagonista e seus efeitos completamente tormentosos. Nesse sentido, o estudo busca promover uma aproximação entre direito, literatura e filosofia, com o intuito de enriquecer o debate acerca de Crime e Castigo.

Por fim, o último capítulo irá expender o processo de redenção ofertado por Dostoiévski ao protagonista criminoso em desespero. Nesse contexto, a pena é concebida na trama como um bem, um meio de despir-se da culpa do delito. Esse papel da pena, próprio do célebre autor, mescla a moralidade e a fé ao consagrar o castigo penal como um meio de expurgo, uma expiação necessária para a regeneração do criminoso.

2.Fatores Biográficos

Inicialmente, faz-se necessária a exposição das características basilares que perpassam várias obras de Dostoiévski, mas que se mostram ainda mais centrais para a análise proposta de “Crime e Castigo”. O primeiro ponto a ser abordado é o contexto histórico de suas publicações no século XIX. Século da concepção da teoria evolutiva de Charles Darwin, tal período marcou-se, principalmente, pela ascensão, no Ocidente Europeu, do positivismo científico, uma corrente de pensamento tanto filosófico quanto político, a qual pregava a superioridade do conhecimento científico em detrimento da teologia ou da metafísica.

A respeito desse período, Oliveira (2011) irá dizer que a ciência moderna, com as suas grandes descobertas, mostrou um mundo totalmente novo para o homem, um mundo desconhecido e repleto de possibilidade, o qual, por outro lado, destruiu todas as antigas certezas metafísicas responsáveis por nortear a sua vida. Assim, estabeleceu-se uma divisão entre o novo universo defendido pela ciência moderna e o mundo sustentado pela tradição.

Esse processo acabou por influenciar também a juventude russa de 1860, indo completamente de frente com os valores do cristianismo ortodoxo que, até então, serviam de fundamento para a sociedade daquele país. Essa influência externa dá início a um período de desconstrução de Deus, ao atentar contra os valores e princípios sedimentados através de séculos pela religião, ao tempo que buscava substituí-los pela lente sociológica da ciência. Dessa forma, era natural que o questionamento momentâneo dos valores levasse à propagação do niilismo, uma visão radical bem mais cética quanto às interpretações da realidade, traduzindo-se na ausência de sentidos e finalidades.

Anos depois Nietzsche (2012) daria ao niilismo a descrição de um estado de "falta de convicção em que se encontra o ser humano após a desvalorização de qualquer crença". Tal perda de valor acabaria por trazer à tona a consciência do absurdo e do nada dentro da psique humana. Acrescenta-se que, "Etimologicamente, o termo niilismo vem do latim *"nihil"* e quer dizer 'nada'" (OLIVEIRA, 2011, p.171), sendo bem condizente com o cerne de sua tese.

O filósofo italiano Volpi Franco traz um destaque negativo a esse movimento em sua obra "O Niilismo" (1999). Ele o caracteriza como um problema na expressão de esforços artísticos, literários e filosóficos voltados exclusivamente para a experiência do poder do negativo e do rompimento da estabilidade dos valores tradicionais, o qual, segundo ele, teria servido para causar um profundo mal-estar e incerteza do homem na sociedade moderna.

Ponto de primordial importância nas construções de Fiódor Dostoiévski, o niilismo assumiu um caráter concreto na criação dostoiévskiana ao ser trazido da teoria para a vida dos personagens narrados. Nesse sentido, os personagens agem como paródias universais que são pautados pelo niilismo encarnado não apenas em sua época, como também em suas próprias almas. Essa característica se mostra clara tanto no modo de ver de Raskólnikov, protagonista de Crime e Castigo a ser analisado no próximo capítulo, como também em suas demais obras.

A encarnação fática do conceito niilista no trabalho do autor assume um caráter extremado, buscando levar às últimas consequências a premissa de um mundo sem valores por

meio das sinas dos diversos personagens. Estes os quais, uma vez contaminados pelo espírito de tal filosofia, acabam por ceder ao individualismo, ao utilitarismo ou ao materialismo, causando assim as mais variadas desgraças para si e para os outros. Assim, Dostoiévski se coloca contra a desconstrução dos valores de seu tempo, usando esses personagens-crise para demonstrar como a ausência moral não levaria apenas ao caos, mas também a uma verdadeira desesperança generalizada.

Há de se constatar então que para Fiódor Dostoiévski, a existência de uma bússola moral se faz primordial para que os seres humanos não sucumbam à própria degradação, à bestialidade. É necessário que os valores existam pelo simples fato de serem estes o alicerce do que nos torna humanos. Assim, amaldiçoados pelo niilismo extremado, desprovidos da bússola moral, as “personas” dostoiévskianas se tornam tragédias vivas a servirem como um aviso sobre os efeitos dos ideais modernos. Por causa disso, Luiz Felipe Pondé, filósofo e grande estudioso do tema, irá dizer que a obra do autor “mostra seus personagens em constante decomposição, indivíduos que vão paulatinamente perdendo a capacidade da síntese sobrenatural e morrem em vida, à medida que buscam a objetivação conceitual de si mesmos” (PONDÉ, 2003, p.105).

Nesse ponto, é de extremo destaque a figura da fé na literatura do autor, pelo fato desta ser eleita em suas construções como a responsável por cumprir a função de bússola moral da humanidade. A religiosidade assume um caráter intrínseco às suas obras, perpassando cada um dos personagens ao concretizar-se, seja através da esperança trazida por sua presença, ou da lamúria causada por sua ausência. Devido a isso, Pondé ao discorrer sobre a essencialidade da tradição cristã nas obras de Dostoiévski, acrescenta:

“Entender Dostoiévski como mero objeto de uma crítica literária de base psicológica ou sociológica (ou mesmo unicamente literária) implica miopia hermenêutica: sem religião não há compreensão de sua obra; só o analfabetismo dogmático em filosofia da religião pode esperar compreendê-la sem o socorro do pensamento religioso” (PONDÉ, 2003, p.30).

Anteriormente um religioso em conflito, Dostoiévski se converteu efetivamente ao cristianismo durante seu exílio na Sibéria. Uma vez condenado à morte por participar de um grupo político anti-czarista, passou por uma experiência traumática ao ser submetido a uma execução simulada. Passada a farsa do governo, rumou para o exílio onde teve que lidar com os cantos mais sombrios do coração humano e suportar as terríveis dificuldades rotineiras da prisão. Isso tudo ao tempo que o causou um grande abalo emocional, também fez com que ele

voltasse seus olhos para a fé. Sobre a importância desse aspecto na vida do autor, Joseph Frank a elucida no seguinte trecho de seu livro biográfico:

“A fé em Cristo o amparara no momento em que havia enfrentado a morte, mostrara ser um elo crucial entre ele e seus compatriotas russos, e o resgatara da horrível perspectiva de viver em um universo sem esperança. Todas as dúvidas de Dostoiévski como um filho do século [...] haviam sido simplesmente superadas por sua nova compreensão das exigências psíquicas e emocionais do espírito humano” (FRANK, Joseph, 2008, p. 279).

Consequentemente, não é estranho o fato da fé de Dostoiévski ter se refletido de forma tão intensa em sua obra, dado o papel exercido por ela em sua vida. No mesmo raciocínio, Frank (2008) irá arguir que a precedência dos valores da expiação, do perdão e do amor no universo artístico do autor, se deu principalmente pelo fato de ter ele encontrado, no momento de maior angústia de sua vida, uma verdade que lhe desse forças. Tal característica resta clara no seguinte trecho de uma carta enviada pelo próprio autor a uma benfeitora:

“Ei-lo acreditar que nada é mais belo, profundo, compreensivo razoável, viril e perfeito do que Cristo, e digo a mim mesmo com um amor ciumento, que não somente não há nada, como não pode haver nada. Ainda mais, se alguém me provasse que Cristo está fora da verdade e que, na realidade, a verdade está fora de Cristo, então eu preferiria permanecer com Cristo e não com a verdade.” (DOSTOIEVSKI, Fiódor, 2015, p. 130)

Diante disso, as consequências trágicas do niilismo em suas obras se tornam ainda mais coerentes, frente ao fato de tal pensamento atentar justamente contra o valor mor no qual o autor alicerçava sua vida. Nesse contexto vêm o aforisma de Ivan Karamázov na célebre obra “Os Irmãos Karamázov” este sendo: “Se Deus não existe{...} tudo é permitido” (Dostoiévski, 2008, p. 127). Esta frase resume a tese presente na obra de Dostoiévski não apenas ao introduzir o esvaziamento de sentido da moral causado pela desconstrução da figura de Deus, como também ao tomá-lo como centro da significação das coisas. O niilismo trágico do autor se concretiza quando Ivan Karamázov, mediante tal premissa, torna-se partícipe no assassinato do próprio pai.

De forma similar, Raskólnikov será levado ao longo da narrativa à sua própria ruína. Contudo, em *Crime e Castigo*, Dostoiévski ofertará ao seu desgarrado protagonista a possibilidade de salvação; uma redenção possível através da pena e do perdão. Porém, para elucidarmos o papel da pena dentro desta obra, faz-se necessária a análise

preliminar da figura do próprio protagonista, assim como a origem de sua culpa e natureza de seu crime.

3.A Construção de Raskólnikov

Em 1876, era publicado “O Homem Delinvente” por Cesare Lombroso. Denominado o “pai da criminologia”, Lombroso defende em seu livro uma tese sobre o criminoso tomando como base a análise científica de características puramente físicas. Como resultado, surge uma teoria que bestializa o indivíduo criminoso ao considerá-lo um ser menos evoluído, quase inumano, de acordo com suas características físicas. Tal concepção é mero fruto do contexto positivista da época, já analisado anteriormente.

Em contrapartida, em *Crime e Castigo*, publicado quase uma década antes, Dostoiévski age de maneira oposta ao conceber um criminoso mais humano, de natureza multifacetada. Este se dá na figura do protagonista da obra, Ródion Românovitch Raskólnikov, um criminoso que traz em seu âmago a cisão de sua época. De um lado temos o utilitarismo causado pelo niilismo, enquanto do outro há a moral tradicional em conflito.

Nessa linha, Paulo Bezerra (2016), tradutor de uma das versões de *Crime e Castigo* e estudioso do autor, irá apontar ao analisar a onomástica nos nomes dos personagens que o sobrenome Raskólnikov possui várias origens, dentre as principais: “raskol” (cisão), e “raskólnik” (cismático). Apontando assim que a dualidade presente no personagem e em seu tempo era estampada inclusive em seu nome.

No romance, Rodion Românovitch Raskólnikov, é um ex-estudante de Direito petersburguense forçado a suspender seus estudos devido à sua condição financeira precária. No entanto, ao invés de vitimizar-se com seu estado de pobreza, assume uma indignação agressiva contra as injustiças sociais. Sobre esse aspecto da personalidade do protagonista, Souza (2009) aponta que Raskólnikov é apresentado não como um desgarrado fadado à própria sina social. Mas sim um personagem revoltado que, por força de sua vontade, anseia por determinar o próprio destino. Tal fator contribui grandemente para sua aceitação niilista do utilitarismo

Outro ponto a ser destacado no protagonista é a sua racionalidade. Como ex-estudante, Raskólnikov teve acesso a formação acadêmica, entrando em contato com as ideias modernas

no Ocidente e tornando-se instruído o suficiente para redigir um artigo teórico. Nesse artigo, Raskólnikov idealiza uma teoria de que as pessoas se dividem em ordinárias e extraordinárias.

Resumidamente, para ele, as pessoas ordinárias são a maioria, as pessoas comuns, as quais estariam destinadas apenas à serventia moral e sujeição às leis e convenções. Por outro lado, a categoria das pessoas extraordinárias se compõe de pessoas extremamente dotadas, as quais estariam destinadas a grandes feitos em prol da humanidade. Na visão dele, essa segunda categoria, para realizar o seu propósito, não apenas teria o direito ao crime, como também o dever. Raskólnikov defende essa teoria em certo momento da narrativa no seguinte trecho:

“[...] eu, de modo algum, insisto em que as pessoas extraordinárias devam e sejam forçosamente obrigadas a cometer sempre toda sorte de desmandos [...]. Eu insinuei pura e simplesmente que ‘o homem extraordinário tem o direito..., ou seja, não o direito oficial, mas ele mesmo tem o direito de permitir à sua consciência passar por cima de diferentes obstáculos, e unicamente no caso em que a execução da sua ideia (às vezes salvadora, talvez, para toda a humanidade) o exija [...]. É só na minha ideia central que eu acredito. Ela consiste precisamente em que os indivíduos, por lei da natureza, dividem-se geralmente em duas categorias: uma inferior (a dos ordinários), isto é, por assim dizer, o material que serve unicamente para criar seus semelhantes; e posteriormente os indivíduos, ou seja, os dotados de dom ou talento para dizer em seu meio a *palavra nova*. [...] em linhas gerais, formam a primeira categoria, ou seja, o material, as pessoas conservadoras por natureza, corretas, que vivem na obediência e gostam de ser obedientes. A meu ver, elas são obrigadas a ser obedientes porque é seu destino, e nisso não há decididamente nada de humilhante para elas.

Formam a segunda categoria todos os que infringem a lei, os destruidores ou inclinados a isso, a julgar por suas capacidades. Os crimes desses indivíduos, naturalmente, são relativos e muito diversos [...]. Mas se um deles, para realizar a sua ideia, precisar passar por cima ainda que seja de um cadáver, de sangue, a meu ver ele pode se permitir, no seu interior, na sua consciência passar por cima do sangue [...] A primeira categoria é sempre de senhores do presente, a segunda, de senhores do futuro. Os primeiros conservam o mundo e o multiplicam em número; os segundos fazem o mundo mover-se e o conduzem para um objetivo“(DOSTOIÉVSKI,2016, pp.268-270).

Nesse contexto, Frank (2007) irá dizer que, na visão de Dostoiévski, o niilismo assume um caráter pessimista, uma vez que se alicerça em um egoísmo racional. De tal maneira, acaba por tornar-se doutrina pavorosa que permitiria ao indivíduo transgredir qualquer princípio ou lei. Isso, inevitavelmente, traria o caos ao destruir todo o sentido moral da humanidade, visto que elege a razão como meio de satisfação de toda necessidade e vontade humana.

Baseando-se na teoria acima, o anti-herói da trama irá premeditar e executar o assassinato de Aleona Ivanovna, uma velha usurária que explorava a miséria alheia ao cobrar juros altíssimos, além de maltratar a irmã. Assim, Raskólnikov, ao considerar-se um desses seres extraordinários, teria visto no assassinato da agiota a possibilidade de salvar sua família e a si mesmo e, com isso, trazer futuramente o bem para a humanidade. Essa motivação para o crime surge de um diálogo entre terceiros, o qual Raskólnikov é ouvinte por puro acaso, mas que capta perfeitamente a visão utilitarista aplicada ao delito. É o que podemos ver no seguinte trecho:

“[...] Escute mais isso. Por outro lado, forças jovens, viçosas, sucumbem em vão por falta de apoio, e isso aos milhares, e isso em toda parte! Cem, mil boas ações e iniciativas que poderiam ser implementadas e reparadas com o dinheiro da velha! Centenas, talvez milhares de existências encaminhadas; dezenas de famílias salvas da miséria, da desagregação, da morte, da depravação, das doenças venéreas - e tudo isso com o dinheiro dela. Mate-a e tome-lhe o dinheiro, para com a sua ajuda dedicar-se depois a servir toda a humanidade e a uma causa comum: o que você acha, esse crime ínfimo não seria atenuado por milhares de boas ações? Por uma vida, milhares de vidas salvas do apodrecimento e da desagregação.” (DOSTOIÉVSKI,2016, pp.73)

Contudo, sua maior motivação seria afirmar-se como um dos humanos extraordinários de sua tese, mas, para isso, fazia-se necessário que o crime não lhe causasse quaisquer dores morais à consciência, diante do fato de ser uma obviedade aritmética. De tal modo, o protagonista busca ferir incólume o mandamento do “não matarás”, a fim de legitimar-se acima do bem e do mal. De acordo com a elucidação de Bezerra, Raskólnikov pretendeu testar-se para ver “se pararia diante do limite e se converteria em mais um integrante da grande manada humana ou ultrapassaria esse limite, arcando com todas as consequências daí advindas” (BEZERRA, 2009)

O assassino niilista colocado acima da lei e da moral é uma figura antecessora ao conceito de super-homem de Nietzsche, presente em “Assim Falou Zaratustra”. Esse conceito nada tem a ver com origens extraterrenas e habilidades sobrenaturais, mas sim com a superação da moral do homem tradicional, sobretudo religiosa. Quando, na figura de Zaratustra, Nietzsche anuncia a morte de Deus, é no sentido de declarar a decadência da moral pautada no cristianismo ao longo de anos. A célebre afirmação “Deus está morto! ... E quem o matou fomos nós!”, nada mais é que uma constatação do impacto causado pelo cientificismo na base de valores da humanidade.

No entanto, o frio cálculo utilitarista não se mantém sem conflitos no protagonista, pelo contrário, a própria concepção do crime o aterroriza profundamente. Raskólnikov não cede ao niilismo por inteiro, de modo que a parte moral de sua dicotômica personalidade se insurge a todo momento contra a hediondez do crime. Essa repugnança se mostra claramente no seguinte trecho em que o trágico herói trêmulo irá raciocinar sobre o crime:

“Ora, ontem mesmo, quando descia a escada, eu mesmo disse que aquilo é sórdido, nojento, abjeto, abjeto...Porque a simples ideia pensada de fato me deu ânsia de vômito e me deixou apavorado” (DOSTOIÉVSKI,2016, pp.67).

Dostoievski irá introduzir o niilismo de Raskólnikov como uma verdadeira maldição, a qual o atormenta a ponto deste não mais ver outra alternativa senão o crime racional. A crítica à ideologia da época constrói no protagonista um estado paradoxal de cegueira causada pela própria razão, a qual influi em suas justificativas e objetivos, coagindo-o, através da aritmética fria utilitarista, ao assassinato. No trecho a seguir, a força das ideias positivistas sobre as ações do personagem aparece na descrição comportamental do mesmo:

“[...]agia sobre de maneira quase inteiramente mecânica: era como se alguém o segurasse pelo braço e o arrastasse, de forma irresistível, cega, com uma força antinatural, sem objeções. Como se uma nesga da sua roupa tivesse caído debaixo de uma roda de máquina e esta começasse a tragá-lo” (DOSTOIÉVSKI,2016, pp.78)

A construção de Raskólnikov se completa quando este assassina a agiota a sangue frio e, por inconveniência, a irmã desta. Uma vez concretizado o crime presente no título da obra, sobrevém sua outra faceta; o castigo. Nesse momento, a teoria niilista se distancia da prática utilitarista, dando início à tormentosa sina psicológica a ser exposta no próximo capítulo; a culpa.

4. A Culpa e o Pecado

A fé de Raskólnikov em sua natureza extraordinária se manteve apenas até a consumação do assassinato. Seu objetivo foi alcançado, ele pusera à prova sua alma superior, contudo, o resultado de tal experiência distinguia-se do esperado. A lógica utilitarista clara, que tanto o guiara até então, também não foi capaz de sobreviver aos vis golpes do machado. Apesar

de inicialmente sequer ter tomado consciência de sua existência, Raskólnikov criou no ato assassino a culpa esmagadora que o destruiria por completo.

Assim, sua tese provou-se inválida, deixando-o apenas o horror da brutalidade cometida. A moral se insurge contra as ações do protagonista quase instantaneamente, de modo que, ainda banhado no sangue de suas vítimas, seu primeiro instinto é o de se entregar. Isso se encontra narrado no seguinte trecho da obra, o qual também diz muito sobre o estado de espírito do personagem após o delito:

“O pavor se apoderava dele cada vez mais, principalmente depois desse segundo assassinato totalmente inesperado. Queria correr dali o mais rápido possível. [...] é bem possível que ele largasse tudo e dali mesmo fosse denunciar-se, e não por temer por si próprio, mas pelo simples horror e repugnância ao que havia praticado. Nele a repugnância crescia sobremaneira e aumentava a cada instante” (DOSTOIÉVSKI, 2016, p. 88)

Deve ser destacado neste trecho que a reação do personagem de completo desespero não decorre de quaisquer temores quanto às consequências do delito, mas se originam da própria natureza do crime praticado. Raskólnikov é apavorado por ter cometido assassinato, e não por temer a lei e suas sanções. Ele falhou em transcender sua consciência ao deparar-se com um limite metafísico muito mais complexo, imposto pela moral religiosa idealizada de Dostoievski. O “crime”, presente no título da obra, não se concretiza pela mera agressão ao direito positivado, mas principalmente pela agressão à própria moralidade inerente à natureza humana. Nessa acepção, a moral em Dostoievski se assemelha superficialmente aos preceitos do imperativo categórico de Immanuel Kant(2005), quando aceita essa ética como parte de nossa essência. Entretanto, enquanto a filosofia kantiana toma a razão do homem como origem dessa moral intrínseca, Dostoievski irá deslocar esse mérito para um âmbito mais abstrato ainda, ao eleger como centro de valoração os fundamentos do cristianismo.

O primeiro traço do conflito interno do protagonista surge em sua saúde, tanto física quanto psicológica. O peso de não pertencer ao rol dos extraordinários o perturba intimamente, a ponto de causar febre e nublar a mente de Raskólnikov. Nota-se que, inicialmente, ele não reconhece o fardo da culpa, apesar de sofrer o seu peso. Isso se dá de tal modo que, a mera lembrança do fato delituoso no dia seguinte é capaz de prostrar o protagonista ao descontrole. Germinava em Raskólnikov uma agonia psicológica que o penitenciaria até o desfecho da

narrativa. No cenário melancólico do paupérrimo quarto do protagonista, Dostoiévski irá demonstrar o impacto inicial do crime de forma explícita, no trecho:

“No primeiro instante pensou que fosse enlouquecer. Um frio terrível o envolvia; mas o frio vinha também da febre, que há muito tempo o acometera enquanto ele dormia. Agora lhe batia tamanho calafrio que os dentes por pouco não lhe saltavam da boca, e ele se sentiu inteiramente entorpecido” (DOSTOIEVSKI,2016, p.97)

Na tentativa falha de acalmar os nervos e ressuscitar em si a racionalidade perdida, Raskólnikov chafurda nos ermos do desespero enquanto é consumido pela febre e perde o controle de suas emoções. Fisicamente doente, ele passou a ter antipatia das pessoas que tentavam lhe ajudar, e buscou afastar-se de amigos e familiares. Além disso, flertava com a paranoia ao pensar que seu crime fora descoberto, e todos apenas o usavam para uma espécie de brinquedo. A culpa o amaldiçoava com pesadelos e momentos prolongados de semiconsciência os quais, em conjunto, serviram para lançar lhe em um quadro depressivo grave. Esse acaba por ser o único fruto de seu crime, haja vista que Raskólnikov não foi capaz de expender uma única moeda do dinheiro roubado.

Nesse ponto, faz-se necessário salientar que o conceito de crime aqui analisado não se limita ao usual de fato típico, ilícito e culpável, uma vez que extrapola ao Direito Normativo. Nesse sentido, é imprescindível retomarmos a importância da base religiosa na obra de Dostoiévski, visto que sua ideia de crime se assemelha grandemente à própria ideia de pecado. Destarte, o crime para o autor se distancia do conceito de crime elaborado por Cesare Beccaria em 1764 na obra “Dos Delitos e Das Penas”, o qual distingue pecado e crime ao tomar como base o dano social causado pelo ato delituoso. Dostoiévski irá fundar a ideia de crime no preceito teológico ofendido, assumindo um caráter muito mais metafísico que social. Tal visão é elucidada por Wu(2010), no trecho de seu texto “O Crime Metafísico em Dostoiévski”, o qual analisa a metafísica na obra.

“O uso do termo pecado aparece, portanto, associado imediatamente à atitude de transgressão da norma, mas, ao contrário da lei terrena, Dostoiévski desloca a discussão para a ruptura da norma divina, o que remete imediatamente ao orgulho. [...] O termo crime passa a estar associado à noção de pecado, e, por isso, possui um significado mais amplo do que a mera infração ou “ofensa legal”, passando a significar uma transgressão

e uma ultrapassagem dos costumes e laços tradicionalmente aceitos”(WU, 2010, p.258).

No cenário criado pelo autor, ao cometer assassinato, o protagonista é colocado como um pecador, pois fere com seu ato toda a tradição religiosa. Isto posto, seu tormento não decorre apenas da transgressão às leis, mas principalmente, de uma transgressão ontológica contra si. Para o autor, o meio de salvação da tragédia niilista se daria inicialmente através do reconhecimento do pecado e, conseqüentemente, da condição de pecador. No entanto, Raskólnikov se insurge contra os princípios metafísicos de Dostoievski, ao lutar contra sua fragilizada consciência pelo não reconhecimento de seu ato como um crime.

Isso se dá pela tentativa sôfrega do protagonista de se ater à sua teoria original e, com isso, legitimar-se como um homem acima dos homens. Para isso, Raskólnikov perpetua um processo contraditório de auto enganação, que o leva à tragédia psíquica narrada. Sobre isso, Wu (2010) corrobora ao argumentar que, para Raskólnikov, aceitar a ideia de pecado seria como admitir o caráter ordinário em si. Visto que estaria reconhecendo uma lei alienígena às estabelecidas historicamente pela classe extraordinária de sua teoria. Assim, ele busca cegamente esquivar-se de quaisquer autojulgamentos morais que o levem ao ponto de vista pecaminoso.

Essa atitude de negar-se o arrependimento apenas serve para enterrá-lo cada vez mais profundo no abismo de sua culpa, a qual toma forças para emergir. Esse processo doloroso trespassa a barreira niilista presente em Raskólnikov, corroborando para um processo de transformação interior que decorre de sua “crescente compreensão de todas as implicações daquilo que fez”(FRANK,2008,p.570).Assim , na visão de Frank(2008), a consciência aterrada de Raskólnikov não apenas se mantém presente ,agindo no nível moral e psicológico, como também acaba por elucidar as questões contraditórias em que ele acreditava. Esse fenômeno complexo de elucidação culmina no diálogo em que Raskólnikov se dá conta de seus reais motivos para o crime, tomando consciência de que não matou por objetivos altruístas e humanitários, mas sim por um desejo deplorável de testar sua força. Tal reconhecimento do erro se encontra de forma resumida na seguinte fala do personagem, onde ele também percebe a sordidez de seu próprio egoísmo:

“-A velha foi apenas uma doença...eu queria ultrapassar o limite o quanto antes...eu não matei uma pessoa, eu matei um princípio! Foi um princípio que matei, mas ultrapassar, não ultrapassei, permaneci do lado de cá... A única coisa que eu soube fazer

foi matar. Ademais, nem isso eu soube, como se está verificando[...] porque eu mesmo, é possível, sou ainda pior e mais torpe que o piolho morto, e pressenti de antemão que viria a dizer isso a mim mesmo depois que o matasse! É, será que alguma coisa pode comparar-se a tamanho horror? Ó, torpeza! (DOSTOIÉVSKI,2016, pp.280-81).

Destaca-se nesse trecho a presença do denominado “limite”, como sendo a própria materialização metafísica da moral dostoievskiana. Raskólnikov a reconhece ao mesmo tempo que reconhece sua falha em transcendê-la. Assim, o princípio morto por ele, sua teoria, não mais se sustentava. Desse modo, só restou ao herói trágico abrir os olhos para a natureza hedionda e pecaminosa do ato cometido, e arcar com as consequências deste. Esta clareza é o que trará a Raskólnikov o arrependimento, possibilitando sua redenção. Uma vez percebendo ter sido mero fantoche vitimizado pelas ideias niilistas, o protagonista lamenta seu ato contra si mesmo, acreditando ter se lançado a um fosso sem esperanças. A culpa que antes possuía o caráter de persecutória acaba por tornar-se mais consciente de sua sina. Esse aspecto resta expresso na fala de Raskólnikov:

“Sônia, eu quis matar sem casuística, matar para mim, só para mim! A esse respeito eu não queria enganar nem a mim mesmo! [...] Não matei para obter recursos e poder, para me tornar um benfeitor da humanidade. [...]Sim, mas como matei? Aquilo lá é jeito de matar? Por acaso alguém vai matar como eu fui naquele momento? Algum dia eu te conto como eu fui...Por acaso eu matei a velhota? Foi a mim que matei, não a velhota! No fim das contas, matei simultaneamente a mim mesmo, para sempre! ... Já a velhota foi o diabo quem matou, e não eu...! (DOSTOIÉVSKI,2016, pp.280-81).

Esta Sônia, a personagem a quem Raskólnikov se dirige, é de suma importância nesse processo de auto compreensão do protagonista, sendo, inclusive, o meio pelo qual a temática religiosa é introduzida na obra. Contudo, seu maior papel na narrativa está em ser a esperança salvadora, aquela que apresentará uma saída a um Raskólnikov completamente torturado e destruído pelo seu assassinato. Restando claro o crime, é Sônia quem mostrará ao trágico protagonista um caminho para a expiação do seu pecado. Essa expiação se dá tanto no âmbito metafísico do arrependimento quanto na necessidade de arcar com o ônus penal, ponto este a ser trabalhado a seguir.

5.A pena e a expiação

A salvação do herói em agonia é apresentada através de Sônia Semiónovna Marmieládova, a qual assume o papel de um duplo de Raskólnikov ao acompanhá-lo em sua

tragédia. Suas características psicológicas são tão complexas quanto as do protagonista, uma vez que também carrega consigo o fardo de um pecado. Parte de uma família disfuncional sem condições de sustento, Sônia irá se sacrificar ao vender o próprio corpo exclusivamente para salvar os irmãos e a madrasta, os quais morreriam de fome na extrema pobreza. No entanto, ela não toma para si quaisquer elementos da devassidão, pelo contrário, Sônia não demonstra na narrativa nada além de pureza e empatia, assumindo um papel paradoxal também por concentrar suas esperanças na fé religiosa. Nesse ponto, a personagem encarna a cisão entre o corpo e a alma, ao trazer à coexistência harmoniosa dois aspectos opostos: o pecado e a fé.

A relação entre o Raskólnikov e Sônia se estabelece inicialmente pela mera congruência de desgraças, visto que, na visão de Raskólnikov, as tragédias as quais ambos incorreram se assemelhavam quanto ao aspecto humanitário. Contudo, existia uma diferença gigantesca na motivação de ambos para o pecado, diferença esta que Raskólnikov também distinguia com clareza. Enquanto o assassinato cometido pelo protagonista baseava-se na concretização do mais extremo individualismo, o ato contra a moralidade convencional perpetrado por Sônia baseava-se no extremo oposto, ao trazer para a realidade a mor abnegação de si em prol do bem de outros. Este sacrifício tamanho foi responsável por gerar em Raskólnikov não só um sentimento misto de admiração e compaixão, como também de plena confiança, que culminou em sua decisão desesperada de confessar seu crime à Sônia.

A decisão do protagonista de se confessar estabelece uma relação reflexiva entre os dois personagens, onde cada diálogo auxilia Raskólnikov a compreender, cada vez mais a fundo, a verdadeira motivação do seu crime, assim como delinear a culpa que o atormentava. Nesse sentido, o primeiro fator que possibilitou esse processo foi a absoluta empatia externada por Sônia. Muito maior que o horror causado pela confissão do crime bárbaro foi a sua compaixão por Raskólnikov, capaz de ver, através dos desaforos e falas mesquinhas do protagonista desesperado, o real tormento que o penitenciava. Na narrativa, não houve sequer sombra de um julgamento por parte dela. Sônia apenas lastimava profundamente o que Raskólnikov havia feito, não pelas consequências causadas aos outros, mas sim pelo que ele causou “contra si próprio”.

A sincera compaixão para com um Raskólnikov que esteve por tanto tempo sozinho em sua tortura, foi o que abriu caminho para a recuperação da humanidade levada embora pelos ideais utilitaristas. Sônia pôde compreendê-lo e enxergou nele o sofrimento extremo que gritava por redenção, por ajuda. Ter alguém que o entendesse, mesmo que momentaneamente, foi o

suficiente para diminuir o peso sobre os ombros de Raskólnikov, ao tempo que lhe insinuava alguma esperança. Demasiadamente condoída, Sônia toma a decisão de unir seu destino ao de Raskólnikov, jurando segui-lo mesmo que para os campos de trabalho forçado da Sibéria. Sobre o aspecto religioso ao qual Sônia representa, Frank irá discorrer:

“Dostoiévski consegue captar a inocência de Sônia em meio à degradação, sua falta de tato e a pureza ardente da fé religiosa. O que ela oferece a Raskólnikov é uma imagem imaculada do amor cristão abnegado que outrora também o estimulara profundamente. Ela é a realidade existencial daquele amor pela humanidade sofredora que, quando atado à razão utilitarista da ideologia radical, se perverteram transformando-se na monstruosidade de seu crime” (FRANK, Joseph, 2008, p.599)

É justamente o amor divino simbolizado por Sônia que guiará o protagonista para a expiação do assassinato pecaminoso. Essa expiação se dá em dois âmbitos, embora ambos se relacionam com as bases metafísicas apresentadas. O primeiro é interno da própria alma do protagonista, devendo não só ser reconhecida a condição de pecador, como também haver desejo pelo perdão. Já o segundo detém caráter mais material, devendo Raskólnikov aceitar as sanções penais impostas como consequência de seu crime. Ambos aspectos se encontram no seguinte trecho da obra, onde Sônia, desesperada, irá dizer ao protagonista como se livrar de seu tormento moral:

“—Levanta-te![...]Vai agora, neste instante, para em um cruzamento, inclina-te, beija primeiro a terra, que profanaste, e depois faz uma reverência ao mundo inteiro, e diz em voz alta a quem te der na telha: “Eu matei!”. Então Deus te mandará vida mais uma vez. Vais? Vais? — perguntava ela, tomada de tremor, como quem tem um acesso, agarrando-o por ambas as mãos, apertando-as com força nas suas e fitando-o com um olhar de fogo.

Ele ficou surpreso e até pasmo com o inesperado entusiasmo dela.

— Está falando dos campos de trabalho forçado, Sônia. Para eu me denunciar, é isso? — perguntou com ar sombrio

— Assumir o sofrimento e redimir-se, é isso que é preciso.
“(DOSTOIÉVSKI, 2016, p.426)

Nesse ponto, a análise será direcionada para o segundo aspecto dessa expiação, onde surge a função a ser cumprida pela punição penal. Tal fator, presente no trecho exposto como a necessidade de “assumir o sofrimento e redimir-se”, trata-se da idealização da pena como um meio de purificação do mal interno trazido a si pela culpa. A pena aqui é colocada como uma

necessidade inconsciente que se encontra premente na moralidade do criminoso, sem a qual este jamais poderá restituir-se. Essa visão de Dostoiévski resta clara em uma carta enviada a Mikhail Katkov, seu editor, onde é dito que “o castigo pelo crime amedronta muito menos o criminoso [...] porque ele mesmo sente sua necessidade moral” (Dostoiévski,2016,p.). Nesse contexto, a função da pena reclamada pelo próprio delinquente aflora como um bem, sendo primordial para a redenção do homem decaído.

Apesar de, em um momento inicial, o orgulho de Raskólnikov o impedir de acatar o conselho de Sônia, sua tragédia interna irá se agravar até o ponto em que não lhe será possível vislumbrar outra alternativa. No último capítulo do livro, Raskólnikov está em uma situação favorável de um ponto de vista externo. Não havia quaisquer provas que o incriminasse, além de terem lhe oferecido meios para uma fuga, caso desejada. Mesmo assim, ele beija a terra do Mercado de Feno como um gesto de arrependimento e toma a decisão de entregar-se ao estado-juiz. A confissão do crime e sua devida pena, juntamente com o amor estendido por Sônia, o qual ele se recusava a enxergar, é o que dará fim aos tormentos do protagonista. Paradoxalmente, os grilhões da pena privativa de liberdade é o que o liberta das algemas morais instituídas pelo assassinato.

Dostoiévski incorpora na narrativa um conceito de função da pena dotado de características próprias, a qual tem como mor objetivo o bem do criminoso, e não o da sociedade. Essa questão, apesar de fortemente tingida da metafísica do autor, também traz consequências de direito para fora do âmbito abstrato. Diante disso, buscar-se-á a seguir delinear essa função presente na narrativa partindo da exposição sucinta e comparação com as demais teorias clássicas a respeito da função social da pena.

As primeiras teorias acerca da pena tomadas como objeto de análise são as teorias absolutas ou retribucionistas. Para Busato (2015,p.479), essas teorias possuem a ideia central de entender a pena como um mal necessário, sendo este existente para contrapor outro mal, o próprio crime. No geral, essa teoria tem como objetivo primordial perseguir o ideal de justiça, levando em conta o livre-arbítrio e a liberdade individual. Nesse contexto, Kant (2007) em sua obra “Metafísica dos costumes” defende a pena retributiva como uma exigência ética indispensável, decorrente da violação pelo crime à justiça moral. Para Kant, a pena pertence à sua classificação de “imperativo categórico”, existindo como consequência da moralidade infringida. Desse modo, o retribucionismo de Kant não admite quaisquer fins pretendidos pela pena, o que excluiria também a função presente em na obra analisada.

Também nessa linha entende Hegel(2000), o qual funda seu conceito de retribuição no Estado de Direito. Nos dizeres de Bitencourt (2015, p. 138), o crime existe na teoria hegeliana como uma negação ao ordenamento jurídico estabelecido, de forma que a pena vem a ser a resposta legal para suprimir essa negação. De forma mais clara, assim como Kant propõe a pena como reação natural à moral ofendida, Hegel assume essa mesma casuística, mas tomando como base a estabilidade do ordenamento jurídico. Desse modo, para ambos autores, a pena se estabelece como um fim em si mesma.

Por outro lado, apesar de Dostoiévski aceitar a pena como um sofrimento, de maneira alguma ela é tomada como um mal, como nas teorias de função retributiva da pena firmada no “imperativo categórico” de Kant, ou nas concepções de Hegel. Enquanto a teoria retributiva concebe o instrumento punitivo estatal como um meio de retribuir o mal causado pela infração com um mal à altura, emanado do ideal de Justiça. A função expiatória dada à pena pelo autor se difere por completo desse conceito, não só por admitir sim a pena como meio, mas também diante do fato de objetivar a redenção do condenado, usando os martírios penais como meio de salvá-lo. Assim, ela se desprende da ideia rotineira de justiça ao tingir-se da misericórdia de levar o bem àquele que cometeu a infração, assumindo que o maior mal causado pelo criminoso foi contra si mesmo.

Essa construção teórica de natureza um tanto quanto antagônica passa fazer sentido quando analisada sob a lente da religiosidade do autor. A teoria da função da pena como meio de salvação do perverso infrator nada mais é que um reflexo da ideia do perdão divino presente nos Evangelhos, um ato de amor tão genuíno que desconsidera quaisquer torpezas e redime o ser arrependido. Destarte, existe uma distinta rejeição da lógica de causa e efeito presente, inclusive, no título da obra (Crime e Castigo), segundo a qual para todo pecado deverá haver uma danação. Haverá sim o sofrimento, mas este em forma de penitência, não como resposta ao crime, mas sim como meio de salvação.

Sob outro prisma, se encontram as teorias relativas ou preventivas da pena, estas também admitem a pena como um meio para um objetivo, sendo este, principalmente o do bem social através da prevenção. Segundo Busato(2015, p. 757), essas teorias se deslocam da ideia da justiça absoluta para tomar a pena como instrumento de prevenção contra o delito, ao usar o castigo para desestimular a prática do crime ou corrigi-lo, visando evitar os males ao invés de retribuí-los. Nesse sentido, a prevenção geral consiste na própria ameaça do castigo, a qual é posta como um exemplo para intimidar a sociedade ao não cometimento do crime. Justamente

por tomar a coação como único meio de evitar a criminalidade, a prevenção geral é adjetivada de negativa.

Já a teoria de prevenção especial assume um caráter mais individual, deixando de lado o objetivo de prevenção geral da prática delituosa para recair sobre o indivíduo que já cometeu o delito. De acordo com Bitencourt (2015, p.154), a prevenção especial não objetiva a ameaça do grupo social ou retribuição do fato praticado, centrando os esforços da pena apenas no indivíduo delinquente para que este não volte a violar as leis estabelecidas. Portanto, o que se busca aqui é justamente prevenir a reincidência. Esta teoria é denominada positiva quando empregada na ressocialização do agente criminoso e negativa quando versar sobre sua neutralização.

Contudo a existência da pena como meio de purificação na narrativa de Dostoievski se coloca de maneira oposta à teoria da função preventiva da pena, tanto em seu aspecto geral quanto ao especial. Isso se deve ao fato de o autor dispensar maniqueísmos, dotando a natureza humana de bondade na mesma medida em que está se compõe de maldade. Esta concepção de humanidade contraditória e inacabada se encontra presente no próprio Raskólnikov e em suas hesitações. Nesse contexto, o pecado do crime é tido como um desvio inevitável, fruto de uma falibilidade inerente à condição de ser humano. Assim, a mais rigorosas das punições nunca satisfará seu papel preventivo de evitar infrações, visto que busca satisfazer objetivo contrário à própria essência mista de nossa alma. Tal entendimento não se aplica no caso da prevenção especial negativa, onde o infrator será tirado permanentemente do convívio social.

Por outro lado, se comparada essa ideia de purificação proporcionada pela sanção penal com o conceito ressocialização presente na função preventiva especial da pena, é possível traçar algumas similaridades. Ambas as funções admitem a punição como meio de restituição do agente criminoso, mesmo que em âmbitos diferentes. De um lado, a reeducação através da pena baseia-se em viabilizar reinserção social do indivíduo que, com seu crime, mostrou-se inapto ou perigoso para a vida em sociedade. Já a função presente na narrativa de Dostoievski também possibilita a reinserção social, contudo esta se dá como efeito colateral do processo de redenção moral, através do resgate da humanidade perdida pelo delinquente.

Por fim, as teorias mistas ou unificadoras são teses que conferem maior complexidade ao instituto da pena, ao buscar agrupar em um único conceito vários fins. Desse modo, as teorias mistas fundam-se na discordância com a unidimensionalidade dada à pena pelas outras

teorias, optando pela pluralidade dos fins da pena. Conforme Bitencourt(2015 p. 156), essas teorias partem de uma função de proteção social dada ao próprio Direito Penal, usando tal ideia para compor-se tanto da retribuição , quanto da prevenção geral e especial. Em outras palavras, a função da pena existe diversificada, como um instrumento estatal para vários fins, de forma que lhe é permitida tingir-se, simultaneamente, tanto de retribuição quanto de prevenção, para compor um conceito mais justo.

Contudo , não é possível aproximar tal conceito diversificado da pena, proveniente das teorias mistas ,com a visão da pena de Dostoiévski presente na narrativa. Isto se dá pelo fato de ,desde o princípio , a pena se inserir na narrativa apenas como um meio de expiação. Até previamente ao conselho de Sônia, Raskólnikov sentia o ímpeto de entregar-se, era o instinto metafísico posto por Dostoiévski de que a sanção penal poderia ser a solução do pesoso problema da culpa .Diante disso ,apesar da pena como expiação moral ter efeitos sociais paralelos como , por exemplo, a ressocialização , em momento algum ela toma como fim qualquer outro objetivo senão o expurgo do pecado do crime.

6. Considerações Finais

O cenário de um criminoso que, por livre e espontânea vontade, decide por se entregar à punição do Estado é um pouco distante da nossa realidade. Acima disso, a ideia da pena como algo positivo, não para a sociedade, mas para o próprio infrator, soa ainda mais fantasiosa. Contudo, há de se pensar nessa possibilidade apresentada por Dostoiévski, a possibilidade da pena, mesmo que em um nível interno e profundo, ser reclamada ao invés de temida, cura no lugar de morte.

Toda a construção dos capítulos do presente estudo buscou explicitar o senso de moralidade, sobretudo religiosa, presente nas concepções do autor, o qual acreditava nessa justiça intrínseca ao ser humano. Desde a construção de Raskólnikov até o seu desfecho, o que despontou em “Crime e Castigo” foi a visão de Dostoiévski sobre o declínio do ser humano quando contrário à moral. O crime aqui antes de ser antijurídico, é tido como antinatural. Nesse contexto, a violação às leis positivadas assume pouca importância em comparação à agressão contra si mesmo. O crime moral, conceito abordado quando se discorreu sobre a culpa de Raskólnikov, emerge como uma ofensa metafísica muito mais impactante de um ponto de vista individual

Nesse sentido, é fato notável que a reincidência serve de regra geral para os ex-detentos. Isso se deve não somente pela escassez de projetos de reinserção suficientes ou pela falta de experiência laboral do indivíduo que levou uma vida criminosa, mas também ao jugo social pesadamente negativo que recai sobre eles. Esse último ponto acaba por ser um fator originário de toda a precariedade do sistema prisional, uma vez que ao se tomar o criminoso como um estorvo não é tido como fator importante atribuir dignidade à sua condição.

Esse panorama geral lembra a célebre novela clássica “Metamorfose” de Franz Kafka, onde o protagonista Gregor Samsa, vitimado por questões desconhecidas, acaba por acordar metamorfoseado em um inseto asqueroso e, devido a isso, deixado para morrer trancafiado em seu quarto por sua própria família, a qual nem chega a cogitar a salvação de seu amado filho. Bem semelhante à questão atual, embora o crime às vezes não pareça tão repulsivo em um contexto social, o criminoso sim o é. É esquecido que o tenebroso indivíduo infrator era, antes de seu delito, pertencente a este outro lado da divisão. Desse modo, as vidas trancafiadas em decadência assumem uma irrelevância vil em comparação com temáticas mais nobres de justiça e combate à impunidade.

Em contraponto, a função da pena na obra estudada de Dostoiévski, apesar de ter sua origem na religião, assume um caráter muito mais justo. A pena como expiação confere humanidade aos desumanizados, ela toma como base uma bondade própria ofendida pelo crime, muito diferente da bestializada visão da sociedade sobre o criminoso. Raskólnikov é, acima de tudo, humano. Isso se mostra em seus sonhos, em suas crises, em sua culpa, e, principalmente, em seu crime. É a conclusão do autor de que o crime se encontra em nossa natureza como o sol escondido atrás das nuvens. Nessa concepção, apesar do delito constituir uma tragédia moral, este não deve protagonizar uma tragédia permanente. Afinal, o criminoso não deixa de ser humano, podendo usar da pena para redimir-se.

Provavelmente, o sistema carcerário pátrio também falharia em tal função, ao prover males muito aquéns à dignidade devida ao apenado. Mesmo que acreditar na metafísica de uma moral humana natural possa soar como uma utopia, negar sua existência por completo leva à uma distopia muito mais severa. A questão fundamental diretamente ligada com essa visão da pena é a esperança. A pena, na visão de Dostoiévski, liberta o criminoso do mal, muito mais do que liberta a sociedade. Ela apaga o pecado moral cometido, dando espaço para a ressurreição de uma nova vida. Tal noção decorre da própria experiência do autor na Sibéria, onde ao se

deparar com o total esvaziamento da esperança e sentido da vida dos prisioneiros , os toma como “monstros em sua desgraça”

Diante disso, o conceito de pena expiatória presente em “Crime e Castigo”, à medida que humaniza o criminoso, também traz uma lembrança, o fato de que a justiça responsável pela punição do criminoso é a mesma responsável pela justeza da pena. Nessa linha, assim como nas teorias retributivas de função da pena, o sofrimento para expiar o crime deve se dar na exata medida do ato cometido, o que passa disso imputa-se em mera vileza por parte do Estado .Desse modo admitir a pena como uma possibilidade de bem não constitui um idealismo simplório , mas sim o primeiro passo para o afastamento da ficção kafkiana , a qual, pelo menos neste contexto, a realidade se assemelha.

Referências Bibliográficas

BECCARIA , Cesare Bonecassa. **Dos delitos e das penas**. Trad. Flório de Angelis. 2.Reimpr.São Paulo: EDIPRO 1999.

BEZERRA, Paulo. **Pósfacio do Tradutor**. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. (Tradução de Paulo Bezerra). 7. ed. São Paulo: Ed. 34, 2016

BITENCOURT, Cezar Roberto. **Tratado de Direito Penal: Parte Geral 1**. 21.ed.São Paulo:Saraiva,2015.

BUSATO, Paulo César. **Direito Penal: Parte Geral**. 2.ed.São Paulo: Atlas S.A , 2015.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**.(Tradução de Paulo Bezerra) 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. 3.ed.Vol.1 São Paulo: Editora 34, 2008

FRANK, Joseph. **Dostoiévski: Um escritor em seu tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios da Filosofia do Direito**. Tradução Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KANT, Immanuel. Fundamentação da metafísica dos costumes. Tradução Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2012.

OLIVEIRA, Vanessa Kalindra Labre de. **Dostoiévski: entre a morte do crime e a morte do castigo**. Disponível:
<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT34/GT%2034%20%20Leituras%20sobre%20a%20Morte.pdf>. Acesso em: Setembro de 2019.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SOUZA, Ronis Faria de. **Crime e castigo: uma leitura (da menipéia ao dialogismo)**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Espírito Santo. 2009.

VOLPI, Franco. **O Niilismo**. São Paulo: Loyola, 1999.

WU, Roberto. O crime metafísico em Dostoiévski. **Revista Aletria**, Nº 3, v.20, Setembro-Dezembro 2010.